

A Aldeia da Terra e os seus artesãos

A representação das profissões tradicionais no projeto artístico

Cabeça, Paulo. (2025). A aldeia da terra e os seus artesãos: a representação das profissões tradicionais no projeto artístico. DOI 10.5281/zenodo.16997917. In: Silva, Vandeir (2025). Humanidades e saberes múltiplos: Patrimônio, educação, arte e literatura. Patrimônio Cultural de João Pinheiro. ISBN 978-65-01-39148-9. DOI 10.5281/zenodo.16997427. pp. 150-186.

https://www.academia.edu/143758491/Humanidades_e_saberes_m%C3%BAltiplos_Patrim%C3%B4nio_educac%C3%A7%C3%A3o_arte_e_literatura

Palavras-chave: Aldeia da Terra, Cerâmica, Artesanato, Escultura, Tradição.

Paulo Tiago Cabeça

Colaborador CHAIA – *Centro História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora e Cátedra UNESCO de património imaterial e saber-fazer tradicional, ligando patrimónios.* tgcabeca@uevora.pt

Sinopse

A Aldeia da Terra foi um projeto de cerâmica figurativa artística e artesanato, aberto ao público de 2011 a 2017, que consistia num pequeno parque temático de esculturas em terracota policromadas, mais de quatro mil (4.000) a céu aberto e a ocupar sensivelmente três mil metros quadrados de área em Arraiolos, distrito de Évora, Portugal. Nesta “banda desenhada a três dimensões” estavam representadas situações do quotidiano alentejano, entre as quais artes e saberes, misteres e profissões tradicionais do Alentejo. Este artigo descreve-nos um pouco dessa representação etnográfica e seus detalhes no projeto.



Fig 1. Oleiro. In: Figura 98: Alentejo. Olaria, décadas de 40/50- Artur Pastor. In: Nunes (2020).



Fig 2: Série sobre a cortiça. Preparação da cortiça 1950 (Artur Pastor). In: Nunes (2020).



Fig 3: Ofício- trabalhar com o barro (olaria- acabamento e pintura). In: Nunes (2020).



Fig 4: Série Profissões. Évora, década de 40 - Artur Pastor. In: Nunes (2020).



Fig 5: A arte de fazer chocalhos. In: Nunes (2020).



Fig 6: Ofício- Pastor; Retratos de um Alentejo das décadas de 40 e 50- Artur Pastor. In: Nunes (2020).



Fig 7: Ofício- Produção de queijo- Série Profissões. Cooperativa de Laticínios, décadas de 50/60- Artur Pastor. In: Nunes (2020).



Fig 8: Ofício- Trabalhar o Couro (proveniente da produção animal) - Artes e Ofícios, décadas de 40-50 VII Artur Pastor. In: Nunes (2020).



Fig 9: Ofício- Trabalhar o Couro (proveniente da produção animal) - Artes e Ofícios, décadas de 40-50 VII- Artur Pastor. In: Nunes (2020).



Fig 10: Ofício- Trabalhar com Vime, Buinho e Madeira (Mobiliário)- Série Profissões. Évora, década de 40- Artur Pastor. In: Nunes (2020).

Aldeia da Terra

Aldeia da Terra (Cabeça, 2018) representada nas Fig. 11 a 42, foi uma exposição plástica do trabalho do autor em forma de parque temático de 3000m², com mais de quatro mil peças de cerâmica escultórica. Localizado ao ar livre em Arraiolos, distrito de Évora, Portugal.

Representava uma aldeia de barro em miniatura, com personagens, casas, veículos e outros adereços que era acrescentada quase todos os dias com novas peças.

Em forma de caricaturas humorísticas, tradições, idiossincrasias populares e cenas do dia-a-dia eram retratadas. Este projeto teve fundos comunitários europeus PRODER na sua edificação, esteve aberto ao público entre junho de 2011 e setembro de 2017 e foi declarado de *Interesse Cultural* pelo Ministério da Cultura em quatro biénios consecutivos por quatro Ministros da Cultura distintos, tendo sido visitado, em visitas pagas, durante este período, por mais de sessenta mil pessoas.

Produto da imaginação de Tiago Cabeça, artesão, artista plástico e ceramista, que concebeu toda a ideia e elaborou todas as esculturas em terracota, este projeto contou na sua edificação com a colaboração de seus irmãos: Teresa Fernandes, Sara Cabeça e Maria Francisca Cabeça, na pintura de peças, bem como com o trabalho de Simão Cabeça na edificação das esculturas em cimento. Aberto ao público 365 dias do ano diariamente também eram os irmãos que além de terminarem novas peças que acrescentavam à coleção exposta de forma quase diária, garantiam a gestão, manutenção e funcionamento do jardim de esculturas a céu aberto. Assegurando assim bilheteira, limpeza, restauro e segurança do equipamento.

As atividades tradicionais

Segundo Frago & Frago (2008) a palavra tradição provém do latim “tradere” e significa trazer, ensinar ou transmitir. Desta forma a tradição, segundo o seu significado etimológico, será a passagem de um saber ou de costumes, de geração em geração. Nunes (2020) interpreta mesmo que

a tradição pode assumir-se como um conjunto de ideias, usos, memórias, recordações e símbolos legados pelos nossos antepassados (...) a tradição não é o passado, mas sim a continuidade, o passado é aquilo que fica para trás. (Nunes, 2020)

reforçando assim que muitos destes saberes, profissões e ofícios, têm uma evolução e nunca se poderão encarar como algo estagnado que não consegue evoluir. Algumas destas atividades e profissões, tipicamente associadas ao Alentejo tradicional e rural, são: a tiragem da cortiça; a olaria e os barros; a arte chocalheira (esta de possível génese romana¹, Património Cultural Imaterial da Humanidade desde 2015); a pastorícia de gado ovino, bovino, caprino e suíno, associado à produção de queijo, carne, lã e tosquia, peles e couro; a produção de vinho, azeite e pão; o vime, o buinho, as madeiras e mobílias; a tecelagem e arte dos tapetes, entre outras. Não sendo de forma alguma exaustiva esta listagem de atividades gera um conjunto vasto também de inúmeras profissões, ditas tradicionais, que podemos ver nas fotos de Fig 1 a 10, como por exemplo a do pastor, o tirador de cortiça, o oleiro e a sua pintora de cerâmica, o cesteiro, a tapeceiro, o sapateiro, o latoeiro, o padeiro, os vindimeiros, o aguadeiro, o calceteiro, o lenhador, entre outras.

¹ In: Município de Viana do Alentejo. Consultado em 22 de setembro de 2023. Disponível em <https://www.cm-vianadoalentejo.pt/visitante/o-que-visitar/patrimonio/artes-tradicionais/artes-chocalheira/>

Muitas destas profissões e atividades foram representadas no projeto Aldeia da Terra, na forma de figuras de terracota em atividade encenada no seu contexto. A Aldeia enquanto espaço encenado, como uma banda desenhada escultórica em barro a três dimensões, era composta de representações múltiplas de atividades e profissões caricaturadas que nesta lógica de evolução e adaptação pretendiam representar não só a tradição como a sua evolução.

Caricatura e subconsciente

Como uma banda desenhada cómica a representação figurativa na Aldeia da Terra era de facto uma caricatura. Todo o projeto se podia definir como uma caricatura. Encontramos no *Oxford Dictionary of Art & Artists (2004)* que a definição de caricatura é “uma forma de arte, normalmente retratista, na qual características do sujeito representado são distorcidas ou exageradas para efeito cómico ou comentário crítico”².

Gombrich (1938) por seu lado propõe uma explicação psicológica da caricatura que, confessa, “pode parecer dececionante”. Refere que em finais do séc. XVI se dá uma importante transformação no papel do artista que de “trabalhador manual” passa a um grupo social concreto. “De um imitador da natureza tornou-se um criador”. Define assim também, a caricatura, como obra de arte. Pois trata-se de uma interpretação, pelo artista.

Gombrich afirma que se sabe, por experiências clínicas, que as imagens de fato desempenham um papel diferente, nas nossas mentes, por oposição, por exemplo às palavras. “As imagens são mais enraizadas, mais primitivas. O sonho recorre a elas, bem como a emoção”. A crença no signo mágico e o significado da pessoa são mais profundas na arte pictórica. Consequentemente a crítica social e política da caricatura atinge de forma muito mais acentuada a sua “vítima”. A imagem da caricatura como “agressão” sempre foi muito mais eficaz por isso mesmo. Gombrich refere que, por exemplo, os revolucionários queimam a imagem de um ditador, ou uma amante a imagem do amado. Quando a vítima se sente “ferida” é o melhor sinal de que o artista não considera sua caricatura como um jogo inocente de características de transformação. Gombrich considera também que a explicação psicológica e cronológica da caricatura compreende historicamente três etapas: magia, difamação e caricaturização. Na primeira, a da magia, pretendia-se “fazer mal” (fisicamente) à pessoa fazendo mal à sua representação. Na segunda, da difamação, pretendia-se difamar a pessoa usando a sua representação, porventura alterada por semelhança com animais ou objetos. Na terceira, a da caricaturização, interpreta-se a vítima (e consequentemente cola-se à pessoa) uma imagem que é, sobretudo, interpretação e génio do artista. Em qualquer uma destas a caricatura é vista, pelo autor do texto, como uma “agressão” em maior ou menor intensidade. Gombrich refere ainda que a capacidade de entender a caricatura, de forma mais ou menos humorada, está relacionada com a definição de ego e sua força. Um “paciente” incapaz de o fazer “não tem força de ego”. Outro com essa capacidade “deu um passo de liberdade na sua atitude em relação à vida”. Se esta interpretação, da caricatura como arma, se poderia considerar de certa forma mais extremada, não deixa de ser pertinente para que possamos compreender o poder da imagem quer para o seu criador quer para o seu representado ou observador. As caricaturas do projeto Aldeia da Terra não eram agressivas, no entanto poucos visitantes lhes ficavam indiferentes.

² Oxford. Dictionary of Art & Artists. 2009. Ian Chilvers. Tradução do original pelo autor.

Identificação com a tradição

O processo criativo da elaboração do projeto Aldeia da Terra já descrito em Cabeça (2022) *The crafts and the popular sculpture in clay. Art felt in or Art thought of?* demonstra a sua edificação como um produto não apenas da racionalização de uma ideia concreta, que se pretendia - um parque temático e cultural onde as atividades tradicionais estavam representadas - mas também a materialização de representações e personagens, do subconsciente do autor, onde muitas das caricaturas representadas seriam descritas como eventuais manifestações de ansiedades e estados de alma do seu criador no que descreveu como o *transe criativo* involuntário.

Esta representação de imagens do subconsciente através da arte em barro é descrita também por psicólogos (Bucho, 2011) justamente dessa forma. Manusear e moldar barro é uma tarefa que exige toda a nossa coordenação motora e sensorial. Isto faz com que o barro seja e funcione como um “objeto transicional” entre o mundo da fantasia e da realidade. Ao manusearmos o barro “as expressões em argila (...) representam a manifestação de pensamentos, sentimentos, conflitos, ansiedades, questionamentos (...) e estabelecem o diálogo entre o consciente e o inconsciente” (Bucho, 2011).

Assim temos que o projeto da Aldeia da Terra mais que uma mostra de esculturas em barro que representariam as artes e ofícios tradicionais, desde logo se afirmou como uma obra de arte única, uma interpretação artística, também dessas artes e ofícios ancestrais, fruto da criatividade de um artista e, conseqüentemente e por definição, materialização da sua eventual necessidade de expressão psicológica subconsciente. Como uma banda desenhada de momentos cômicos e baseada em referentes do nosso quotidiano contemporâneo (do autor), inspirava-se no passado fazendo uma ponte para o presente, representando idiosincrasias sociais e quotidianas de hoje que, regra geral, rapidamente eram compreendidas por qualquer visitante, independentemente da sua idade, nacionalidade ou formação. A Aldeia da terra representava tipos sociais, situações do dia-a-dia de qualquer um de nós e com os quais, conseqüentemente, qualquer pessoa se identificava. O seu instrumento eram as atividades tradicionais do Alentejo. Tínhamos assim novamente a tradição, segundo o seu significado etimológico, a ser a passagem de um saber ou de costumes, para novas gerações uma vez mais. Tradição, no sentido de transportar uma realidade adaptando-a para outros tempos. Muita da simpatia que o projeto gerou, nos seus mais de sessenta mil visitantes em seis anos, deveu-se eventualmente a esta sua marcada característica que permitia que muitos se identificassem nas pequenas figuras de barro e encontrassem nestas representações de atividades e profissões de outros tempos, as suas vidas muito contemporâneas.

Conclusão

Por ser um jardim de esculturas a céu aberto, onde milhares de peças estavam expostas para visitantes 365 dias por ano, a sua principal característica e magia tornava-se também o seu principal problema. Pois que mais de quatro mil peças cerâmicas pintadas expostas a verões rigorosos e invernos inclementes aceleravam a sua degradação o que implicava um trabalho constante de restauro e manutenção de todas as esculturas. Se o projeto nunca foi deficitário a sua continuidade com qualidade implicava mão de obra acrescida que a bilheteira – única fonte de receitas - não podia comportar. O autor tentou que uma autarquia lhe desse continuidade. Sem sucesso neste propósito foi determinado que o projeto fosse descontinuado em 2017 e na impossibilidade de guardar milhares de peças, onde se incluíam centenas de profissões e atividades ditas tradicionais – de que as que estão representadas aqui em fotografia são uma pequena fração - estas foram vendidas, uma a uma, a colecionadores e simpatizantes que as levaram para os quatro cantos do mundo. O autor, entretanto, desenvolve presentemente o seu

trabalho baseado nesta experiência e na sua componente imaterial, como doutorando de investigação em história de arte, na tese *O “Artesanato” como processo criativo: o exemplo da Barrística. Contributo para uma reflexão sobre a criatividade*, <https://doi.org/10.54499/PD/BD/151132/2021> da qual este artigo é parte integrante.



Fig. 11. Entrada da Aldeia da Terra. 2011



Fig. 12. Aldeia da Terra com visitantes e Arraiolos ao fundo. 2011.



Fig 13. Vara de porcos a jogar xadrez com pastor ao lado. Aldeia da Terra. 2011



Fig. 14. Polaroid da Boda. Terracota e tintas acrílicas. 2011.



Fig. 15. Sapateiro. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 16. Cante alentejano. Terracota e tintas acrílicas. 2013



Fig. 16a. Zapping e pipocas. Terracota e tintas acrílicas. 2013



Fig. 17. Mercearia Maria Clementina. Terracota e tintas acrílicas. 2011.



Fig. 18. A pisa da uva. Terracota e tintas acrílicas. 2011.



Fig. 19. O guardador de porcos. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 20. O ferreiro. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 21. A apicultora. Terracota e tintas acrílicas. 2013



Fig. 22. Vendedora de *abóvra*. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 23. Talho Zé Açougue. Terracota e tintas acrílicas. 2011



SUSANA VERA/REUTERS

Xi Jinping já é oficialmente Presidente da China

Sucessão

O Parlamento chinês elegeu ontem Xi Jinping para a presidência da república, uma formalidade para o novo líder do Partido Comunista Chinês (PCC), que encerra o período de transição iniciado em Novembro de 2012.

“Anuncio que o camarada Xi Jinping foi escolhido como Presidente da República Popular da China”, declarou Liu Yunshan, um alto responsável do PCC, que presidiu à sessão da Assembleia Nacional Popular (Parlamento), transmitida em directo pela televisão estatal.

Aos 59 anos, Xi Jinping sucede a Hu Jintao e terá como primeiro-ministro Li Keqiang (que sucede a Wen Jiabao) e como vice-presidente Li Yuanchao, um dirigente com reputação de reformista.

Escolhido para liderar o PCC durante o 18.º congresso do partido, realizado em Novembro do ano passado, Xi Jinping ficou automaticamente designado como sucessor de Hu Jintao - a votação de ontem foi um acto cerimonial. À sua frente tem a liderança da segunda potência mundial durante os próximos dez anos.

A primeira viagem ao estrangeiro de Xi Jinping enquanto Presidente da República está prevista para daqui a um mês com uma visita oficial a Moscovo, seguida de um périplo pelo continente africano que inclui uma passagem pela África do Sul.

Os dez anos de mandato de Xi Jinping são considerados pelos analistas, dentro e fora da China, ao mesmo tempo perigosos e cruciais. Recebeu a missão de manter o poder nas mãos exclusivas do partido, assegurar o crescimento económico e encontrar uma fórmula para a estabilidade social.

Primeiro dirigente da China nascido após a fundação do regime por Mao Tsé-tung em 1949, Xi Jinping é filho de um partido revolucionário e é considerado um “príncipe vermelho”.

Madrid

“os abusiva”, a UE

este aspecto, afirmando indemnização num caso é “incompleta e insufi-

tribunal de Justiça da União declara também que a lei espanhola é abusiva. e não tem em consideração importante desequilíbrio” de re o banco que ordena o contribuinte que pediu timo.

nova lei preparada

adência criada pela sentença tribunal europeu estende-se a 2. No entanto, os Estados-membros são obrigados a alterar a legislação caso esta viole os princípios que o tribunal identificou na sentença conhecida quinta-feira.

panha, porém, o Governo do Rajoy já tem preparada a lei dos despejos, que será apresentada ao Parlamento e que deverá ter em consideração as recomendações do Tribunal de Justiça.

os despejos têm-se multiplicado em Espanha, devido ao custo de despesa com os bancos.

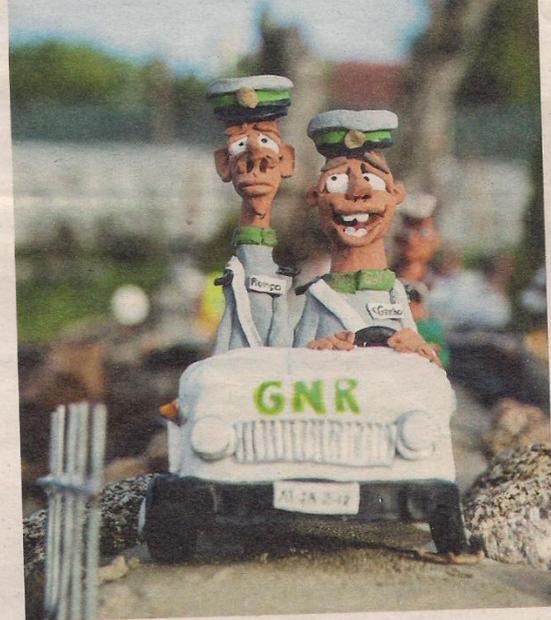
Fugas

SÁBADO

fugas.publico.pt
Disponível em formato digital
Publico.pt/digital/assinaturas

Capa

O Alentejo é um grande parque de diversões para descobrir em família



Viagem

Bali para além do surf e das praias



E que tal

Fig. 24. Chamada para a capa do “Fugas” – Publico 15 março de 2013.



Fig. 25. Carpideiras no cemitério. Terracota e tintas acrílicas 2011.



Fig. 26. Guardas Ananias & Alcino. Terracota e cimento, tintas acrílicas. 2011



Fig. 27. Amolador de facas. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 28. Tratorista. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 29. Facebook. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 30. Tasca. Terracota e tintas acrílicas. 2017.



Fig. 31. Casal de alentejanos. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 32. Bifanas versus cachorros. Terracota e tintas acrílicas. 2015



Fig. 33. Jantar de família. Terracota e tintas acrílicas. 2013



Fig. 34. Casinha de terracota. 2011.



Fig. 35. Casinha de cimento com incrustações em terracota. 2011.



Fig. 37. Matança do porco. Terracota e tintas acrílicas. 2013



Fig. 38. Pharmacia Solúvel. Terracota e tintas acrílicas. 2017



Fig. 39. Tosquia da ovelha. Terracota e tintas acrílicas. 2011



Fig. 40. Carrinha da porcaria. Terracota e tintas acrílicas. 2013



DECLARAÇÃO

Nos termos das alíneas b) e c) do n.º 1 e dos números 3, 5 e 6 do artigo 62.º-B do Capítulo X do Estatuto dos Benefícios Fiscais, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 215/89, de 1 de Julho, na redação que lhe é dada pela Lei n.º 82-B/2014, de 31 de Dezembro, e uma vez obtido o parecer dos Serviços competentes, declaro que reconheço o interesse cultural do projeto *Aldeia da Terra - Jardim de esculturas - 2015/2017*, uma iniciativa da responsabilidade da *Árvore de Pedra - Associação de Artes, Ofícios e Defesa do Património Cultural*, para efeitos de Mecenato Cultural, podendo este usufruir dos benefícios fiscais previstos na lei, desde que os respetivos mecenas não tenham, no final do ano ou do período de tributação em que o donativo é atribuído, qualquer dívida de imposto sobre o rendimento, a despesa ou o património e de contribuições relativas à Segurança Social, ou, tendo-a, sendo exigível, a mesma tenha sido objeto de reclamação, impugnação ou oposição e prestada garantia idónea, quando devida, e sem prejuízo do disposto no artigo 86º do Código do IRC, se ao caso aplicável.

Lisboa, 27 de *Julho* de 2015

O SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

Jorge Barreto Xavier

Fig. 41. Uma das quatro declarações bienais de interesse cultural do projeto.



Fig. 42. Alentejanos na APE 50. Imagem institucional do projeto. Terracota e tintas acrílicas. 2011

Referencias:

- Bucho, João Luis. (2011). *As terapias expressivas e o barro: veículo de autoconhecimento, criatividade e expressão*. Trabalho de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa. Porto.
- Cabeça, P. (2018). *Uma nova abordagem à barrística portuguesa: a influência do projeto "Aldeia da Terra" na conceção de uma nova linguagem artística*. Tese Mestrado. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/23337>
- Cabeça, P. (2022). *The crafts and the popular sculpture in clay. Art felt in or Art thought of? Aldeia da Terra case study*. CAP - Public Art Journal, 4(1), 74 - 89. <https://doi.org/10.48619/cap.v4i1.672>
- Fragoso, F., & Fragoso, L. (2008). *Tradição por Terras Dentro*. Évora: Diana - Litográfica do Alentejo.
- E. H. Gombrich, (with Ernst Kris). (1938). *The Principles of Caricature*, British Journal of Medical Psychology, Vol. 17, pp.319-42.
- Nunes, Ana. (2020). *A memória do lugar. Reabilitar a herdade do Rio Seco [VILA NOVA DA BARONIA]*. Projeto Mestrado. Faculdade de arquitetura. Universidade de Lisboa. Consultado a 22 setembro de 2023. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/21839>
- Chilvers, Ian. (2009). *Oxford. Dictionary of Art & Artists*. 4ª Edição. Oxford University Press.